



**PRÓ-SABER**



**DE SONHO E  
RESISTÊNCIA**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**JANAÍNA CABRAL DE FREITAS SOARES**

**A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: O PAPEL DA BIBLIOTECA E DE SEU RESPONSÁVEL**

Rio de Janeiro

2017

**JANAÍNA CABRAL DE FREITAS SOARES**

**A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: O PAPEL DA BIBLIOTECA E DE SEU RESPONSÁVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Esp. Patrícia Gonzalez

Rio de Janeiro

2017

So11L	<p data-bbox="371 981 782 1010">Soares, Janaína Cabral de Freitas</p> <p data-bbox="371 1059 1356 1178">A literatura infantil na formação de leitores na educação infantil: o papel da biblioteca e de seu responsável / Janaína Cabral de Freitas Soares.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 37 fl.</p> <p data-bbox="371 1211 1356 1330">Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p data-bbox="445 1364 948 1393">Orientador: Profa. Esp. Patrícia Gonzalez</p> <p data-bbox="371 1426 1356 1514">1. Educação infantil. 2. Literatura infantil. 3. Formação do leitor. 4. Mediação de Leitura. 5. Profissionais de Biblioteca. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p data-bbox="1251 1547 1356 1576">CDD 372</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2017.

**JANAINA CABRAL DE FREITAS SOARES**

Dedico esta conquista a minha amada filha Júlia, que, diante de todo esse processo, se fez gigante, com tão pouca idade. Foi minha maior incentivadora e parceira em todas as horas. Essa vitória é nossa!

## **AGRADECIMENTOS**

A vida é o bem maior que Deus deu à humanidade, por isso, já tenho motivo suficiente para agradecer, mas a bondade do criador concedeu-me muitas outras motivações. Sou feliz. Superei inúmeras dificuldades, dentre elas, estão os vinte e um anos que passei longe da sala de aula. Hoje, orgulhosamente, agradeço a Deus por ter concluído a graduação no Curso Normal Superior no Pró-Saber, pelo qual sinto enorme apreço. Maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos meus filhos Júlia e João Guilherme, meus amores da minha vida, por entenderem minhas ausências nas suas noites. Por me doarem o melhor abraço, o melhor beijo, o melhor carinho. Por tão pequenos se preocuparem comigo, sempre querendo me ver sorrindo. Por me proporcionarem os melhores momentos.

À Johnson, meu esposo, por entender minhas falhas, meus estresses, minha correria nesse tempo da graduação. Por continuar gostando de mim e me dando o seu melhor, mesmo em meio a turbulências.

À minha família, por me ajudar nesse processo de crescimento intelectual e natural. Por me incentivar a continuar, mesmo quando pensei que não conseguiria mais. Em especial, a minha mãe Jacira, que o tempo todo sabia que eu seria vitoriosa, sempre apostou em mim, nos meus estudos, na minha vontade e capacidade de crescer.

Aos diretores, coordenadores, professores e alunos das escolas que cederam informações necessárias à realização desta monografia.

À esta instituição o Pró-Saber, a todo seu corpo docente, além da direção, administração e equipe de apoio, que realizam seu trabalho com tanto amor e dedicação, trabalhando incansavelmente para que nós, alunas, possamos contar com um ensino de extrema qualidade.

À turma 2015, pela vida construída em grupo, durante esses três anos. Pela compreensão e companheirismo.

Aos meus professores (todos), que me ofereceram bons ensinamentos, que oportunizaram a janela por onde hoje vislumbro um horizonte superior.

E, de forma especial, à professora Patrícia Gonzales, pela humildade e dedicação, paciência nas orientações e bons conselhos oferecidos para a realização dessa pesquisa.

E a linda, querida e incansável professora Del, minha inspiração como bibliotecária.

Amo todos vocês!

“Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”.

Monteiro Lobato



## RESUMO

Este trabalho traz como tema a biblioteca escolar e a formação do leitor, ressaltando a importância do uso da literatura infantil, desde os primeiros anos de vida da criança. As pesquisas nos mostram como ela contribui no desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social das crianças, pois a fantasia lhes proporciona um bem-estar necessário para a fase que vivem. O hábito da leitura também foi abordado e a importância de conhecer o *objeto* livro, desde cedo, para formar futuros leitores foi devidamente enfatizada. Na pesquisa de campo, utilizei, além de minhas vivências como educadora, atuando com crianças de um ano e meio a seis anos, trago a minha experiência como responsável pela biblioteca da escola. O uso da biblioteca pelas crianças de educação infantil e o importante papel do professor ou bibliotecário na mediação deste espaço se coloca com um divisor de águas no processo de formação do leitor. A pesquisa foi respaldada pelos instrumentos metodológicos de Madalena Freire, principalmente, a observação, a reflexão e o registro.

**Palavras-Chave:** Literatura Infantil. Formação do leitor. Biblioteca.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 A LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR</b>	<b>13</b>
1.1 Conceito de leitura	13
1.2 A literatura na formação do leitor	14
1.3 A literatura no desenvolvimento da criança	16
<b>2 O PAPEL DA BIBLIOTECA</b>	<b>19</b>
2.1 A biblioteca e outros espaços	19
2.2 Organização	22
<b>3 O RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA</b>	<b>24</b>
<b>4 LIVRO, UM DIVISOR DE ÁGUAS</b>	<b>28</b>
4.1 Marcas	29
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Na monografia aprofundei meus estudos sobre o tema da “literatura Infantil na formação de leitores na Educação Infantil: o papel da biblioteca e de seu responsável”. O interesse partiu do meu novo ambiente de trabalho, a biblioteca e também da minha história, contando como está sendo essa nova trajetória da minha formação, ou seja, como foi a história dessas mudanças que ocorrem na minha maneira de ver as crianças, a escola, a educação, e a minha prática em sala de aula.

Acredito que esse tema vai dialogar com a teoria e a prática, mas se estendendo para a sala de aula. Percebo a importância, na realização em sala de aula, de uma prática com leitura e com a contação de histórias. Buscar promover momentos de prazer vindos da leitura, partindo de textos literários apresentados, pode abrir novas possibilidades de crescimento cognitivo da criança.

A criança percebe, desde muito cedo, que o livro é uma coisa boa, que dá prazer. Lembro quando lia para as crianças do berçário II, de um ano e seis meses e o quanto elas ficavam fascinadas pelas figuras de animais dos livros.

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada de sua mãe e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (uma relação a dois), para a criança da pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças). (ABRAMOVICH, 1997, p. 22).

De fato, durante o trabalho na biblioteca, pude observar o quanto era prazeroso para as crianças da pré-escola frequentar a biblioteca. E acredito que o acesso à biblioteca contribui para o aprendizado infantil e deve fazer parte da rotina desde da Educação Infantil, promovendo a interação de livros e crianças.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e também entrar em contato com um universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí, ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações sobre diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143).

Essa forma prazerosa de conhecer o mundo e construir sua subjetividade pode estar presente na vida das crianças, tanto na escola como fora dela. Ao refletir e estudar sobre isso, decidi aprofundar o tema com foco na leitura literária. Esse modo de ver a vida de maneira lúdica me flechou e torna possível fazer pequenas viagens em torno do cotidiano.

Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, inveja, carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

é através de uma história que se pode descobrir outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Durante o curso, tive a felicidade de conviver com professores que inspiram e transpiram o conhecimento na prática, no cotidiano. Aprendi muito com a coordenação de todas. Vivenciei a construção do conhecimento a partir da afetividade, da vida em grupo, da escuta, do olhar, do intuir, do falar e escrever com a essência do coração. Experiência reveladora e transformadora, que instiga e provoca, até os dias de hoje, o caminhar constante para o meu desenvolvimento.

Toda concepção de educação coloca em prática uma teoria do conhecimento. Na concepção do curso, aprendi a me despir de vários hábitos. Não foi fácil me desconstruir, doeu, mas foi libertador. O processo de conhecimento requer que os sujeitos interajam, socializem o que pensam, para juntos construir o conhecimento.

Nessa concepção de educação, o processo de conhecer não tem nada a ver com transferência de conhecimento. Construímos juntos, a observação da prática do outro complementa a minha. “A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história” (FREIRE, 2008, p. 46). Durante as aulas, as socializações, as contribuições em grupo aguçaram minha curiosidade.

Aprendi com Madalena Freire, a quem tive a honra de conhecer e, com ela construir um novo olhar, o olhar da observação. Observação que envolve o ver, o olhar e o enxergar. Eu até poderia ter a visão, mas isto não significa que olhava, e enxergava. Esse olhar, enxergar, vai além do ver. Por exemplo: antes eu via a

biblioteca apenas como um espaço para contar histórias, um espaço a mais para as crianças explorarem, nada com intencionalidade mais focada.

Eu observei que poderia ir além daquele espaço, poderia transformar aquele espaço em um lugar de prazer, não só de obrigação, de cumprimento de um eixo do planejamento.

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu, em nós, paralisia, fatalismo, cegueira. Para romper com esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante (FREIRE, 2008, p. 45).

Precisei buscar em mim algumas sensibilidades já gastas, como ouvir e olhar. Precisava entender o que as crianças queriam na biblioteca e o que eu estava lhes oferecendo. O texto de Freire (2008, p. 45) fala dessa sensibilidade, que o ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar sensível e pensante que todo educador deve ter, e, se não tiver, deverá construir. A observação é um dos instrumentos metodológicos que mais utilizo, ao observar, me atento no que posso agregar e no que devo descartar.

Trago na memória os últimos anos que trabalhei como educadora na Creche Escola Lar de Pierina (2011 a 2016). A memória como registro foi um dos fatores importantes que aprendi no curso, na disciplina Metodologia de Pesquisa, com a professora Denise Gusmão. A memória, os fatos que nos marcam devem ser registrados tanto em fotografias como em textos, para não se perderem. Foi através das escavações dos registros que pude complementar minha pesquisa. Os registros que fiz durante anos foram de grande importância para o presente. Sempre registrei algo que fosse importante, nem que fosse uma nota imediata, esse termo, nota imediata, também aprendi com Madalena Freire. Algumas coisas eu já fazia antes do curso, mas não me dava conta da importância e nem de suas definições.

A observação é o acompanhamento do desenvolvimento da ação planejada. Esse instrumento da observação apura o olhar (e todos os sentidos), tanto do educador quanto do educando, para a leitura diagnóstica de faltas e necessidades da realidade pedagógica.

No Pró-Saber, para objetivar esse aprendizado, aprendi que o educador direciona o olhar para três eixos que sedimentam a construção da aula: o foco na aprendizagem individual e/ou coletiva; o foco na dinâmica da construção do

encontro e o foco na coordenação, em relação ao seu desempenho na construção da aula.

É no registro que coloco a minha marca, que caracteriza o meu pensamento, a minha reflexão. O registro teve uma função imprescindível no processo da pesquisa. Desde já, estou utilizando um caderno, que contém conteúdos, procedimentos, avanços e limites, possibilidades e dificuldades do grupo e de cada criança: “O registro é a forma de deixar nossa marca no mundo” (FREIRE, 2008). Para a educadora, “a escrita possibilita a materialização, dá concretude ao pensamento”. O registro nada mais é do que meu pensamento organizado em palavras e onde posso buscar memórias. Enfim, concordo com Freire quando diz:

Acreditamos que o registro da reflexão sobre a prática pedagógica, juntamente com o estudo teórico e o aprender a observar, avaliar e planejar, inseridos no aprendizado de viver em grupo construindo vínculo e conhecimento, necessita ter acompanhamento permanente, no núcleo da escola (FREIRE, 2008, p. 45).

Para apresentar minhas descobertas, organizei esse texto em três partes: o primeiro capítulo trata da literatura e sua contribuição para a formação do leitor, tomando as categorias de análise de Paulo Freire (1981) e Martins (1988): “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”; no segundo, trago o espaço da biblioteca, a partir de dois eventos na turma observada, discuto a contribuição do espaço, e por fim, concluo, trazendo as conquistas e os desafios da leitura com crianças da creche e pré-escola, numa perspectiva da formação do leitor desde bem cedo.

# 1 A LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

## 1.1 Conceito de Leitura

O que seria o conceito de leitura? Como ponto de partida para essa reflexão, consultei o dicionário Aurélio.

Sf. 1. Ato, arte ou hábito de ler. 2. Aquilo que se lê. 3. Tec. Operação de percorrer, em um meio físico, sequências de marcas codificadas que representam informações registradas, e reconvertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento). (FERREIRA, 2009, p. 511).

Paulo Freire (2003) relata que ninguém começa a ler a palavra, pois a primeira coisa que temos a nossa disposição para ler é o mundo, ao trazer conosco nossa experiência de vida. O educador ainda ressalta a importância de realizarmos uma leitura crítica e afirma que o gosto pela leitura se desenvolve a partir do momento em que os conteúdos estejam de acordo com nossos interesses e necessidades. Sendo assim, o autor nos leva a pensar que:

de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “ escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, P., 2003, p. 20).

De acordo com Martins (1988), ao mencionarmos a leitura, nos remetemos a alguém lendo um jornal ou uma revista, contudo, o mais comum é pensarmos em alguém fazendo a leitura de um livro. O ato de ler é comumente relacionado com a escrita e com o leitor realizando a decodificação das letras. Porém, ao mergulharmos nesse assunto, surge uma questão diante da hipótese de que a leitura não seja apenas uma decodificação, pois nos deparamos com situações cotidianas como “ler o olhar de alguém”, “ler o tempo”, entre outras, o que nos leva a ver o ato de ler como algo além da escrita.

Martins (1988, p. 12) explica que, "ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo". Para compreendermos e aprendermos sobre o processo da leitura não estamos desamparados, pois ainda que se tenha condições de realizar algo sozinho, necessitamos de orientação. Sendo assim, os pesquisadores da linguagem afirmam que aprendemos a ler, lendo, já para a autora aprendemos a ler, vivendo. (MARTINS, 1988).

Como exemplo, a autora cita a história de Tarzan, o menino macaco, que, ao remexer nos escombros da cabana de seu falecido pai, depara-se com alguns livros, com os quais tem, pela primeira vez, contato com palavras impressas. Intrigado com as figuras desenhadas abaixo das imagens, faz relação entre elas e os insetos, mas, ao fazer relação dos insetos com as imagens que os acompanhavam, percebe que não eram muito numerosos e que se repetiam várias vezes. Assim, quase que em uma tarefa impossível, o menino aprende a ler sem ter a menor noção das letras e nem de linguagem escrita, sem nem mesmo saber que esses termos existem. “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele” (MARTINS, 1988, p. 15).

Segundo Martins (1988), se o conceito de leitura na maioria das vezes está restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem está ligada à formação do sujeito enquanto indivíduo de atuação social, política, econômica e cultural. Para tanto, ler significa se inteirar do mundo, sendo também uma forma de adquirir autonomia, de deixar de ler pelos olhos dos outros, de aprender a ler o mundo, dando sentido a ele e a si próprio.

## **1.2 A literatura na formação do leitor**

Diante do tema “A importância da literatura no contexto da Educação Infantil”, trago a relevância que ele tomou nessa minha nova fase e que tem me proporcionado momentos de prazer e de riquíssimos aprendizados. Ao viver essa transformação, já nessa minha fase adulta, apesar de alguns preconceitos formados e opiniões fechadas, entendo que a formação das crianças para a leitura, na Educação Infantil é fundamental, pois através dela elas poderão formar-se sobre a vida e os ambientes que as cercam.

Ler é essencial; examinamos os nossos próprios valores e conhecimentos com os outros. Tal como as pessoas, os livros podem ser surpreendentes, formar e informar leitores, nos transportar para outros mundos possíveis e fazer de nós, indivíduos aprendizes e mestres: “para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2007, p. 15).



Estou cada dia mais apaixonada pela leitura, esse fascinante brinquedo que se chama livro e que me faz fazer coisas e pensar outras tantas que são difíceis até de descrever. Lendo “Memórias da Emília”, de Monteiro Lobato, me surpreendo evocando as falas de Emília e dando a elas o tom da boneca esperta e falante. Percebi que a mudança de tom na entonação da história aguça o interesse das crianças. Na Educação Infantil, a apresentação da leitura deve ser acompanhada de entusiasmo pelo professor e este deve atuar como mediador para que a leitura se desenvolva com todo vigor entre os pequenos.

O professor é o mediador na construção do processo de aquisição da leitura e da escrita, deve ser observador do fazer e do pensar dos alunos, das hipóteses por eles criadas. Não se pode perder a oportunidade de explorar a curiosidade do aluno.

Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, tendo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Em nossa prática docente, o objetivo que procuramos atingir na formação do leitor é que a criança se divirta, chore, admire-se e fique extasiada diante de uma história envolvente.

Nesse último semestre, não sei se é por causa dessa nova paixão, percebo a sensibilidade das professoras do curso, sobretudo, das professoras Nazareth Salutto e Patrícia Gonzales, na contação de histórias. A forma de interpretar os personagens, a fala são interessantes, mas as caras que a professora Patrícia faz são imperdíveis! Passam uma sensação de prazer ao ler e contagiam com suavidade e alegria. “É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens” (COELHO, 2000).

De acordo com Coelho (2000), verificamos que desde a mais tenra idade, nós vamos assimilando a ideia de mundo, seus progressos, ou seja, o caminho para o desenvolvimento é a palavra, iniciando na literatura infantil. É muito respeitável esta fase inicial, pois tem papel fundamental na mudança que é: a de iniciar um processo de formação de um novo leitor.

Minha experiência com a turma do berçário II retrata este desenvolvimento propiciado pelo livro. Estávamos na biblioteca, eu e a turma, alguns no chão, onde estavam espalhados alguns livros, outros brincando com fantoches. William (2 anos) pegou um livro e começou a ler, era o livro da Chapeuzinho Vermelho.

*“- Vemeio! Lobo. Comeu o migau, cabou! E no final deu uma risada gostosa.*

Anotei rápido em uma folha A4 azul, com giz de cera; não estava com o meu caderno de registro: o livro que ele leu, a associação com a cor vermelha e o conteúdo da história que ele guardou. Essa observação ajudou a complementar seu processo de aprendizagem: a construção do vocabulário, a sequência da história e a associação com a cor vermelha.

O primeiro contato com a leitura deve ser uma fonte de entretenimento, prazer e valorização da própria leitura. Algumas crianças têm a sorte de morar em um lar em que a leitura se faz presente desde o berço, outras só têm a sorte de encontrá-la ao chegar na escola. Eu, por exemplo, a encontrei na fase adulta.

Embora pareça tarde, acho que chegou na hora certa, talvez não teria dado tanto valor como agora. É muito importante que pais e professores valorizem e incentivem o ato de ler. É comum observarmos que crianças da educação infantil que têm exemplos de leitores em casa, pegam um livro e começam a ler mesmo sem saber efetivamente fazê-lo.

Não existe nenhum impedimento para “ler”, basta segurar um livro e olhá-lo. Existem livros para todas as idades. Em uma das aulas do curso no Pró-Saber, a professora Elaine nos apresentou um vídeo “O Mundo dos Bebês”, onde uma criança bem pequena lia para seu pai. Achei o máximo aquela cena! A criança olhava para o livro e lia, balbuciando, folheando as páginas, tudo isso sendo observado por seu pai que ria alto, tirando sua concentração. A criança dava uma olhada, como quem diz: “Está me atrapalhando!”

Incentivar nossas crianças ao gosto pela leitura é plantar uma semente com a certeza de que dará bons frutos. Desse modo, os significados do que foi ensinado poderão ser vistos anos depois, quando a criança por si entenderá os significados, considerando-se que ela não aprende só pelo que se fala, mas pelas ações que também são interpretadas.

### **1.3 A literatura no desenvolvimento da criança**

O contato das crianças com os livros e as histórias é essencial. As crianças entram em contato com a escrita, por si, observando o mundo a sua volta. O aprendizado da linguagem faz parte do mesmo processo de compreensão dos símbolos, das palavras que representam todas as coisas do mundo real e podem servir para traduzir o mundo imaginário.

A partir da observação das crianças da pré-escola onde trabalho, percebo que o contato com os livros antes de aprender a ler, os tornam significativo como objeto que proporciona satisfação. Isto ocorre, porque ao tocar, manusear, olhar, alisar o livro e brincar com as folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado pelo brinquedo.

Os brinquedos possuem outras características, de modo especial a de ser objeto portador de significados rapidamente identificados ele remete o elemento legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura, como um conjunto de significações que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGÉRE, 1997, p. 8).

Os brinquedos e as atividades lúdicas, muitas vezes foram os responsáveis pela transmissão da cultura de um povo, de uma geração para outra.

No processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança defronta-se com um mundo cheio de atrações (letras, palavras, frases, textos, histórias) e se engaja neste universo muito mais facilmente, se puder participar integralmente dele, e se o processo for transformado num grande ato lúdico, participativo e prazeroso. Nesta proposta, a criança aprende brincando e usando o vocabulário do seu dia a dia de forma a tornar o aprendizado afetivo e agradável.

Durante o período de desenvolvimento, a criança deve ser estimulada pelo conteúdo do livro, que acontece com a mediação do professor leitor, visando o estímulo oral. As crianças do berçário 2, quando folheavam os livros, sempre tentavam falar algo sobre o ele. As que ainda não pronunciavam corretamente as palavras, imitavam, por exemplo: Tayla (2 anos) já conseguia pronunciar *pato*, do livro "O Patinho Feio", já Marlyson ( 2 anos) apenas imitava o som *quá-quá*. Este estímulo precoce é muito eficaz, tendo em vista que leva às crianças a folhear os livros, despertando o desejo de ler.

Os estudos provenientes da psicologia têm dado subsídios bastante relevantes que permitem conhecer o desenvolvimento infantil. Jean Piaget trouxe contribuições baseadas nas etapas do desenvolvimento da criança, estabelecendo determinadas características para cada uma dessas etapas, respeitando assim, a idade cronológica da criança de acordo com o meio em que ela vive. Piaget (1990), em sua concepção, caracteriza a etapa sensório motora (o a 2 anos), como uma etapa muito importante para o desenvolvimento do ser humano, pois, para o autor,

nesse período, a criança utiliza seus sentidos para interagir com o meio no qual está inserida.

Através da literatura, a criança desperta uma nova relação com diferentes sentimentos e visões de mundo, adequando assim condições para o desenvolvimento intelectual e a formação de princípios individuais para medir e codificar os próprios sentimentos e ações. Dialogando sobre esse assunto Bettelheim (1980) afirma que a criança desenvolve, por meio da literatura, o potencial crítico e reflexivo. Afirma que, a partir do contato com um texto literário de qualidade, a criança é capaz de refletir, indagar, questionar, escutar outras opiniões, articular e reformular seu pensamento. Essa reflexão se manifesta de várias formas, como, por exemplo, trocando o final das histórias. Quando um dia eu apresentei a história "Os três lobinhos e o porco mau" de Eugene Trivizas, Ryan logo se colocou: *- Não falei que existem porquinhos que mordem? Eu vi lá na Paraíba.*

A literatura também exerce um papel muito importante como facilitadora na construção da rotina das crianças. Também na turma do berçário II, observei e registrei que as atividades de leitura faziam parte da rotina das crianças. Pela manhã, os grupos de criança do berçário, de um ano e meio a dois anos, eram recebidos com historinhas, para acalmar a despedida da mãe. A leitura era utilizada no decorrer do dia, caso fosse preciso, como na hora do banho, momento de agitação. Enquanto uns tomavam banho, o restante, em roda, ouvia uma história, ou seja, às vezes eles ouviam duas histórias no dia.

É pertinente que o professor introduza a literatura infantil na sua prática pedagógica e que disponha de informação que venha a contribuir para o desenvolvimento da criança, estimulando o aluno a buscar diferentes caminhos para as resoluções de problemas.

## 2 O PAPEL DA BIBLIOTECA

### 2.1. A biblioteca e outros espaços

A biblioteca tem grande importância no desenvolvimento do hábito de leitura pela criança, contribuindo imensamente para o seu aprendizado. Entretanto, ela está longe de fazer parte da realidade da maioria das escolas brasileiras. Algumas compartilham o espaço com outras atividades como, por exemplo, fotocopiadora, sala de informática, secretaria. A falta de espaço é um fator limitador, impossibilitando a realização de atividades com uma turma inteira ou com grupos maiores de alunos. Segundo a Lei 12.244 de 24/5/2010, em dez anos todas as escolas públicas e privadas deverão ter uma biblioteca. Será mesmo?

A biblioteca é um espaço lúdico por excelência, pois é um dos lugares de brincar com os livros e com as letras, do faz de conta, do contar e do ouvir histórias. É um local onde se pode dançar, desenhar e ouvir músicas; deve ser um convite à brincadeira, à viagem pelo mundo da imaginação, como relata Fragoso (2003). A autora menciona que a arte se faz presente nos momentos das brincadeiras e ressalta:

Isso é a biblioteca e seus deslumbramentos!  
Personagens e gente,  
Sem nenhuma diferença, misturando o concreto e o abstrato, a  
Rosa perfumada ao contorno do lápis. Pleno rebuliço e vozes  
Sem avisos nem proibições, essa biblioteca também é sem paredes  
(FRAGOSO, 2003).

Em 2016, participei, na biblioteca da instituição em que trabalho de uma roda de conversa com as crianças, buscando saber o que aquele espaço significava para elas, qual a função da biblioteca e como estavam absorvendo as propostas trabalhadas. Nesse ano, a pré-escola frequentava a biblioteca às terças feiras, mas, só propostas feitas pela professora eram trabalhadas. As crianças não eram incentivadas a pegar livros da biblioteca para levarem para casa.

Neste ano de 2017, essas crianças estão no primeiro ano e frequentam a biblioteca na hora do recreio, quando fazem as trocas de livros. Ou seja, toda semana, as crianças fazem um vai e vem de livros, com objetivo de treinar a leitura em casa, como parte do planejamento das professoras da turma. São as próprias crianças que vão à biblioteca buscar o livro e eu, como responsável pela biblioteca, auxilio na escolha.

A roda de conversa sobre a biblioteca começa com a seguinte pergunta:

- *Quem sabe me dizer o que é biblioteca? Dedos levantados. E um coro entusiasmado de explicações, onde a palavra livro era a que mais se ouvia. Coloquei ordem na falação, lembrando o primeiro combinado. Para se fazer ouvir é preciso levantar a mão e aguardar em silêncio. Dei a voz.*

- *É onde moram os livros. Thalya 5 anos*

- *Tem que ler em silêncio. Rahael 6 anos*

- *Mas às vezes a gente canta e não faz silêncio. Lara Cristina 6 anos. Falando cheia de atitude, como se o silêncio fosse uma regra que quase sempre caía por terra, e é verdade.*

A biblioteca pode ser um espaço que abriga um leque de atividades desenvolvidas não só para adolescentes e crianças, mas para a sociedade em que está inserida. Tem, em geral, o intuito de fazer com que estes usuários criem hábitos de leitura. Mas, possibilita também que as crianças fujam por um instante desse mundo e adentrem no mundo do faz de conta e do saber através dos livros.

Ainda no ano de 2016, com as crianças maiores, do maternal à pré-escola, crianças de três a seis anos, as leituras eram feitas na biblioteca, raramente, eu lia para eles em sala de aula. Ao levar as crianças para a biblioteca, observei o quanto elas ficavam felizes e sentiam prazer em realizar atividades naquele local. A biblioteca tinha um acervo interessante, era pequena, mas aconchegante.

Procurei saber se, além da biblioteca da escola, as crianças frequentavam outras bibliotecas ou espaços de leituras. Das vinte e duas crianças, apenas duas frequentavam, já frequentaram ou conhecem outro espaço de leitura.

- *Na Rocinha tem. Às vezes minha mãe me leva, tem lanche. Já fui também na cidade, onde peguei o metrô. Miguel Alexandre, 6 anos.*

- *Quando vou trabalhar com minha mãe, ela deixa eu ir na biblioteca da escola onde ela trabalha. Não é grande como essa, mas tem livros. Isabella 6 anos.*

Segundo Carvalho (2016):

no Brasil, pesquisas sobre o hábito de leitura e o uso adequado de bibliotecas ressaltam os 10% que frequentam bibliotecas com assiduidade e, embora tenha aumentado o número de bibliotecas no Brasil, baixos índices de leitura, de frequência a esses espaços e de valorização social da leitura. A terceira edição da investigação Retratos da leitura no Brasil, por exemplo, revelou dados alarmantes: 75% da população não é usuária de bibliotecas; apenas, grande parte da população não sabe da existência desses espaços. A pesquisa revela ainda que o índice de leitura diminui nas classes sociais mais baixas e na população com menos grau de escolaridade. Os dados obtidos nas investigações reforçam o importante

papel que as bibliotecas desempenham na formação cultural de todos os cidadãos, disponibilizando ao público um acervo variado e educando para o gosto pela leitura (CARVALHO, 2016, p. 511).

Portanto, conforme era de se esperar, o índice de conhecimento foi bem abaixo do que imaginei, me atento então à importância extrema de inserir as crianças nesse espaço. A função social de uma biblioteca vai muito além da informação e da cidadania. Tenho por obrigação, por ter a oportunidade de trabalhar nesse espaço, proporcionar o direito à informação, à cidadania e ao prazer ao adquiri-los.

Pimentel (2011), ao pensar sobre a função pedagógica dos livros na escola, propõe a necessidade de refletir sobre o conceito de biblioteca e de sala de leitura a partir de uma mesma perspectiva, a da formação.

A biblioteca da escola se diferencia de uma biblioteca qualquer e pode ser chamada de sala de leitura, também porque a criança lê o espaço e interage com ele. A biblioteca da escola não é apenas um espaço que produz o ambiente informacional da sociedade, uma vez que pode convidar a criança a se imaginar leitor, a se constituir leitor. É um espaço de formação e não só de informação. Nesse espaço, considerando que ele pode acolher alunos da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, a criança brinca com os livros, e também brinca de ser leitor. Com isso ela também se forma leitor (PIMENTEL, 2011, p. 124).

Para formar-se leitor é necessário, além de livros, congrega espaço e tempo. Espaço de relações e tempo de escuta, de diálogo. E a forma com que o acervo é disponibilizado na escola é importante para essa formação, pois permite que os livros sejam acessíveis e usados de diferentes maneiras e por mais leitores.

## 2.2 Organização

A instalação de uma biblioteca, entendida como um centro de recursos educativos multimídias, deve dispor de localização valorizada e área adaptável, em termo de utilização exclusiva. Deve ser atrativa, agradável e confortável. De acordo com Pinheiro e Sachetti (2017),

toda biblioteca necessita de organização, mesmo aquelas pequenas e de usuários mirins, pois para eles é necessário que a equipe da biblioteca use sistema de sinalização que contemple de fácil entendimento para as crianças (PINHEIRO E SANCHETTI, 2017).

- *Por que não podemos pegar livros daquela estante? Dispara Miguel Alexandre (6 anos), apontando na direção oposta de onde estávamos, para uma estante de ferro,*

medindo mais ou menos uns 2 metros de comprimento e 1 metro de largura, bem diferente da estante que é de uso das crianças da pré-escola.

A estante da pré-escola mede menos de 1 metro e é embutida na parede, com duas prateleiras bem largas. Respondi:

*- Nosso espaço é esse, com essas cadeiras e mesas coloridas e adequadas para o tamanho de vocês. Sem contar os livros sensacionais que foram separados especialmente para vocês. Assim como as estantes do outro lado (me referindo o outro lado da biblioteca), que são para as crianças da escola, do fundamental I e II ou seja, do primeiro ano ao nono ano.*

Olhei para cada rostinho, pareciam confusos com tantas informações. Mas logo fui surpreendida.

*- Eu sei. Meu irmão é do quinto ano, ele leva livro daqui. Livro que só tem letra. Não é igual ao nosso que tem desenho e história de princesa. Com a expressão de entendida, Lara Cristina (6 anos).*

*Complementei: - A biblioteca pode ser explorada em todos os ângulos, mas por que não aproveitar o tempo que temos para fazer o que nos acrescenta, como ler um livro que entendemos a linguagem, ou seja, livros que alguns já conseguem ler e que já conhecem a história para fazer uma releitura do seu jeito? E por que não conhecerem novos livros adaptados para a idade de vocês?*

Consegui deixar bem claro que eles podiam explorar a biblioteca, até porque não há cadeiras suficientes para todos. Quando a professora traz uma proposta onde a turma necessita utilizar mesas e cadeiras, eles usam as mesas e cadeiras dos maiores.

Entendi que eles precisavam se identificar com o espaço. Precisavam se interessar. Que os livros apropriados e importantes para eles os interessassem. Resolvi construir junto com eles a estante. Separamos os livros, classificamos. Fizemos desenhos para as identificações na estante. Colamos fotos e nomes das autoras.

*- Agora eu sei onde está Ana Maria Machado? Lara Cristina (6 anos)*

*- Os DVD'S ficaram arrumados perto dos livros de princesas, claro! Os DVD's também são de princesas. Alguns. Cecília (6 anos).*

*- Eu gosto de ler gibi! (risos). Quer dizer, ver gibi, ah! Sei lá! Eu gosto de gibi. João Paulo (6 anos). Algumas palavras são diferentes, estranhas, mas eu gosto de gibi.*



No nosso espaço tem um carrossel de gibis, que também fica acessível, à altura deles. Não é comum o interesse desse grupo que se interessa mais pelos livros de princesa e dos mágicos. São livros que se tornam brinquedos. O livro da casa das princesas se transforma em um castelo, onde a história é contada passando de cômodo em cômodo.

A biblioteca ficou muito organizada e acolhedora para a turma da pré-escola, um pedacinho da sala deles. Uma extensão, um complemento do conhecimento. Organizamos de um jeito que a biblioteca pudesse congrega, além de livros, gibis e DVD's e os personagens de histórias, tão importantes para as crianças.

Entretanto, tecnicamente, ainda segundo o documento Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil (BRASIL; ORGANIZAÇÃO, 2011), trazido no texto de Campello (2015), com relação à organização, observa-se uma situação peculiar. Quando o responsável é um bibliotecário graduado, há maior investimento na organização técnica do acervo e quando é um professor, o investimento maior é nas atividades de estímulo à leitura, ou seja, parece que não se chega a um funcionamento harmonioso, que equilibre um acervo bem organizado com o oferecimento de serviços adequados. A falta de organização técnica traz consequências: a biblioteca permanece como domínio particular do funcionário que ali atua. É somente ele que conhece todo o acervo, que sabe encontrar os livros, quem levou o livro emprestado, entre outras coisas, configurando uma organização pessoal e não técnica.

Na instituição, grande parte do acervo de livros é constituída por doações e apenas uma pequena parcela é adquirida. Há livros bem conservados e os que já foram bem manipulados. Tento aproveitar cada livro, separando por faixa etária. “É a combinação entre a intencionalidade do mediador de leitura com os diferentes acervos que irá possibilitar que as crianças ampliem suas experiências e criem situações para ler, pesquisar e imaginar” (BRANCO; CORSINO; VILELA; p. 248, 2014).

Espaços, acervos e mediações formam um tripé importante para a demonstração da leitura. Mas, para o tripé manter-se de pé, os apoios precisam estar equilibrados. As análises apontam que, embora fundamentais, não basta apenas que as escolas possuam livros e espaço de leitura. A leitura necessita de convite e, para que os espaços de livros se tornem lugar de experiências, é preciso que o mediador, responsável pela organização do espaço e disponibilização do

acervo, ganhe destaque e reconhecimento. Somente com o alinhamento desse tripé, as coleções de livros e os leitores poderão se encontrar. Somente assim, se construirão práticas de leituras pautadas na experiência e na memória.

### 3 O RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA

A biblioteca, espaço privilegiado na formação do leitor, às vezes conta com um profissional responsável, o que infelizmente é a realidade da grande maioria das escolas. Diante desta constatação seria, portanto, interessante que o próprio professor utilizasse a biblioteca, possibilitando que seus alunos aprendam a utilizar um espaço que oferece uma série de recursos e materiais e aonde poderiam ter acesso a outros tipos de portadores de escrita, além de livros, haveria jornais, revistas, internet, por exemplo. Ter também um projeto pedagógico no qual as ações sejam planejadas pelo professor em parceria com o profissional responsável pela biblioteca escolar seria muito interessante. Com o foco na formação de leitores, Campello (2015) diz que:

Os responsáveis pela biblioteca são, na sua maioria, professores, o que à primeira vista pode ser considerado um ponto positivo dada a possibilidade de, contando-se com esse profissional, se desenvolver projetos pedagógicos na biblioteca. Entretanto, há diversos aspectos negativos: são geralmente professores readaptados, sem treinamento específico para a função, ou então dividem seu tempo na biblioteca com outra função na escola. Também é esse professor que, quando falta algum docente, assume a regência da turma, ficando a biblioteca fechada nessas ocasiões (CAMPELO, 2015, p. ?).

Muito embora alguns bibliotecários se preocupem apenas com a função educativa da biblioteca, a maioria acredita e defende que ela tem uma função cultural a desempenhar. Esses últimos preocupam-se em transformar a biblioteca em um mecanismo real para a formação da consciência crítica do educando. O material que compõe o acervo das bibliotecas escolares necessita ser bem selecionado para que represente a expressão de várias correntes de pensamentos sobre um mesmo conhecimento.

Mueller (1990), em tempos idos, falava que a maioria dos bibliotecários encarava o conhecimento como algo pronto para ser adquirido, consumido e reproduzido. No Pró-Saber aprendi e internalizei que “todos somos educadores”, fala da Madalena Freire (2015), bem no começo do curso. Somos educadores, quando contribuímos para motivar as pessoas que estão perto de nós, quando transmitimos esperança, quando ensinamos valores humanizadores e, principalmente, pelas nossas ações.

É bom lembrar que os bibliotecários das décadas de setenta e oitenta, passaram por um processo escolar que não trabalhou com leitura

crítica/ativa/prazerosa. Receberam sempre o conhecimento como acabado, estático. Tal concepção não se justifica mais. Os novos currículos dos Cursos de Biblioteconomia têm se preocupado em preparar acadêmicos para o exercício crítico por meio de leituras reflexivas a respeito da nova sociedade, a sociedade da informação. Não se vive mais em um mundo tradicional. Como bem afirmou Calixto (1994), para o indivíduo sobreviver em uma sociedade de verdades efêmeras, ele necessita de atualização sistemática.

Em um mundo em constantes mudanças, globalizado, não cabem mais os procedimentos ditos tradicionais. O bibliotecário tem de largar seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais.

Por isso, quem se interessa por educação está constantemente se atualizando, pesquisando, buscando métodos de se aprimorar. A aprendizagem do olhar foi um dos métodos que utilizei. Essa aprendizagem veio me atravessando ao longo do curso. Abandonar o olhar estereotipado não foi fácil, mas se fez necessário. A observação foi uma ferramenta essencial neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante, rompendo com o modelo autoritário, buscando o olhar que envolve atenção e presença. Atenção que “segundo Simone Weil envolve sintonia consigo mesmo, com o grupo. Concentração do olhar, inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação” (FREIRE, 2008, p. 45).

A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história. Só podemos olhar o outro e sua história se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se escuta) em sua própria história.  
(FREIRE, M., 2008, p. 46)

Então é preciso se despir para o outro. Se posicionar, se expor. Buscar sintonia com o ritmo do outro, respeitando o pensamento do outro, adequando em harmonia ao meu. “Neste sentido a ação do olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira, pois sempre “só vejo o que sei” (Jean Piaget)” (FREIRE, 2008, p.46).

Esse aprendizado de olhar estudioso, curioso, pesquisador é que vem me marcando, é como eu coloco em prática esse olhar, que não pode só atravessar, tem que permanecer. Compreender através do olhar do outro, a minha descoberta. Tentar não deixar que a correria do dia a dia me faça perder em uma fala ou escuta que não registrei. Outro dia fui surpreendida:

- *Sabia que eu fico te imitando? Cecília (6 anos)*
- *Imitando? Como assim?*
- *Olhando os livros. Minha mãe falou que sou autora de livros.*
- *Por que autora?*
- *Estou escrevendo uma história, está guardada na gaveta, pra quando eu ficar grande igual a Ana Maria Machado.*

O professor é referência quando o assunto é construção do conhecimento infantil. O sujeito que conhece através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca, Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo. (FERNANDES, 2008, p. 18).

Quero olhar longe, sonhar um mundo diferente, viver o lúdico com meus alunos, aprender hoje, pensando nas lembranças boas de ontem e sonhando as coisas que irão acontecer amanhã.

#### 4 LIVRO, UM DIVISOR DE ÁGUAS

Durante a construção da pesquisa fui impactada por muitos motivos, ora de emoção, ora de alegria, ora desespero... e confesso que me senti um pouco constrangida diante de tantos fatos descobertos. A pesquisa sobre a formação do leitor mexeu com sentimentos que estavam escondidos. Na aula do dia 26 de setembro de 2017, da disciplina Oficina de Leitura e Escrita, mais conhecida como OLE, com a professora Nazareth Salutto, conhecida carinhosamente como Naza, surgiu a questão: Como está/é o seu processo de escrita? Onde está a raiz da sua ideia?

O meu processo de escrita está sendo um divisor de águas. Ao mesmo tempo que mergulho num rio raso, de uma infância sem livros, me afogo hoje em busca de uma nova relação com os mesmos.

A raiz da minha ideia está na minha infância. Hoje tenho a plena consciência de como é importante a vivência da criança, o que ela experimenta e as marcas que nela ficam.

Esse processo de interação, esse resgate, entendo que talvez não tenha vindo em um momento tardio. Hoje, tenho um novo olhar, quando leio Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Monteiro Lobato, e, em especial, a Naza, uma pessoa que conheço, e que tenho contato. Fico maravilhada com tantos outros que descrevem o quanto foi bom usufruir da apresentação tão cedo da leitura ou da escrita.

Percebo o quanto as marcas desse tempo lhe trazem a sensibilidade e o fascínio. O que eles trazem da infância para a vida adulta, percorrendo por um mundo imaginário. Falam daquilo com propriedade, com experiência, vivência, sobre as fantasias e devaneios como inesgotáveis fontes de criação. Trazem o bom da infância, a criança que brinca de escritor criativo.

Afinal de contas, há idade para se tornar escritor ou leitor? O que levam as pessoas a lerem ou escreverem? A aula do dia 26 de setembro de 2017 trouxe vários questionamentos. Naza trouxe um trecho de Clarice Lispector, onde me vi por inteira.

##### **ESCREVER**

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva.

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a "coisa" vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros (LISPECTOR, 1999, p.34).

Eu diria que os escritores não apenas (re)escrevem, eles são, em geral, bons e fiéis leitores.

Cora Coralina escrevia enquanto fazia doces. Naturalmente, entre um intervalo e outro, surgia o encanto da escrita. Os doces, penso eu, eram só um pretexto. Monteiro Lobato escrevia, porque delirava nas fazendas herdadas do avô. A fazenda era a geografia que dava força ao narrador do escritor. O recanto de família o libertava para a escrita. Drummond escrevia, porque se dizia faltoso com sua velha Itabira. No Rio, ele usava essa falta para compensar sua mineiridade. Clarice, não precisa comentar muita coisa. Ela é simplesmente inspiração. A escrita dela tem sido minha guia. É divina, e o texto dela traduz a arte de “escrever”. É o que me faz querer ler mais.

Por não ter essas experiências na infância, busco agora tê-las. Estou mergulhando no meu primeiro amor literário. As experiências que estou adquirindo agora trazem certo conforto, nunca é tarde para aprender. Todo esse processo está me fazendo muito feliz. Sinto prazer em construir com outros, em especial, com as crianças que irão passar pela minha vida, é bom dar aquilo que se tem. “O conhecimento é como o amor; nunca é demais” (VASCONCELOS, 2017).

#### **4.1 MARCAS**

Há tempos tive oportunidade de assistir o filme “COLOMBIANA – em busca de vingança”. Um bom filme de ação, com uma protagonista com atitudes e caráter questionáveis, movida por um ideal (no caso a vingança) e impulsionada por algum trauma do passado. E, entre outras coisas, neste filme marcou-me a presença de uma Orquídea, a Cattleya, tema central do filme.

A Orquídea *Cattleya* é uma planta de folhas carnudas, oriunda da Colômbia, com belas flores. Foi escolhida como flor nacional em um parecer emitido pela Academia Colombiana de História, em 1936. O seu nome pretende homenagear um arquidófilo inglês, William Cattley. As Orquídeas estão entre as mais lindas flores do mundo.

A orquídea é citada no texto “A dolência das flores”, de Clarice Lispector, como uma flor muito complexa. Segundo Lispector (1998, p. 58), “a formosa orquídea é exquise e antipática. Não é espontânea. Requer redoma”. Não sinto que a orquídea seja uma flor antipática e que precise de uma redoma. Sempre a vejo em lugares inusitados... hoje mesmo, passeando pela rua, encontrei uma, linda, roxa, exuberante. Estava fixada a uma amendoeira, sua beleza engrandecia a árvore. Já à noite, encontrei outra, decorava uma das mesas do Pró-Saber. Branca, leve, exalava paz.

Essa não foi a primeira vez que um texto mexeu comigo ao falar das flores. Ao ler o poema de Carlos Drummond de Andrade, senti um certo estranhamento na sua fala sobre a rosa. Mas na segunda leitura pude compreendê-lo melhor.

Sua cor não se percebe.  
 Suas pétalas não se abrem.  
 Seu nome não está nos livros.  
 É feia. Mas é realmente uma flor.  
 Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde.  
 E lentamente passo mão nessa forma insegura.  
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em  
 [pânico.  
 É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o  
 [ódio.  
 (DRUMMOND, 1987, p. 17).

Esse poema cai como uma luva para o atual momento social que o Brasil vive. Drummond (1987, p. 17) fala sobre um sujeito que está cansado, cheio de náuseas por viver uma rotina injusta, mas vê numa flor feia e desbotada alguma esperança. Não podemos perder a esperança. A flor feia nasceu no meio do asfalto e dessa forma não passou despercebida. Nossas crianças são essas flores, estão brotando, furando o asfalto, rumo ao mundo melhor. Cabe a nós, ajudá-las nesse percurso.

Que marcas pretendo deixar nas crianças que irão passar por mim? Acredito que como educadora devo lhes proporcionar o melhor. A melhor literatura, com os



melhores autores. Pessoas que estão marcando minha vida agora. Vários adultos dão testemunhos dessa permanência, dessas marcas.

Ana Maria Machado lembra até hoje a cena de seu pai ao pé da escrivaninha narrando-lhe as aventuras de Dom Quixote, enquanto lhe exibia uma escultura de bronze do cavaleiro e seu fiel escudeiro Sancho Pança. Outros adultos também testemunharam o fascínio despertado por histórias e personagens na infância: o poeta Carlos Drummond de Andrade fez mais de um poema lembrando seu deslumbramento ao descobrir o clássico Robinson Crusóe. A romancista Clarice Lispector escreveu sobre a intensa felicidade que lhe proporcionou a leitura de *Reinações de Narizinho*, um clássico brasileiro (MACHADO, 2010, p. 10 e 11).

É de suma importância que a memória das crianças seja recheada de coisas que lhe façam bem mais tarde. Durante a infância se constrói o caráter, a criança está mais aberta, como diz a autora:

Engraçado como todas essas lembranças infantis ficam tão nítidas e duráveis. Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nelas ficam marcadas de forma muito funda. Talvez porque sejam muito carregadas de emoção (MACHADO, 2010, p. 10).

Assim, é possível mergulhar de cabeça e alma, embriagando-se da magia, do faz de conta; fugir um pouco desse mundo mal; viver os sonhos e acreditar em um mundo melhor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, tive algumas inquietações que dizem respeito ao uso da Literatura Infantil para estimular a formação da criança em sua experiência inicial com a leitura, ou seja, a criança pré-leitora. Busquei teorias e práticas, juntando curso e local de trabalho para investigar possibilidades sobre as formas de trabalhar com essa temática e acompanhar práticas de leitura, formas de contribuição e significados para estimular a leitura das referidas crianças.

Percebi que o desafio da educação infantil consiste em capacitar e oferecer a cada criança o apoio pedagógico que ela necessita, ajustando a intervenção educativa à sua individualidade. Foi de suma importância conhecer previamente as características da faixa etária em que as crianças do berçário II da Creche Escola Lar de Pierina e da pré-escola do Centro Educacional Pequena Cruzada, através da pesquisa.

Partindo dessas reflexões, assumi um papel de professor investigador frente a minha ação e à ação das crianças. Mergulhei no mundo da literatura infantil, a fim de descobrir o que as crianças mostravam e os significados que atribuíam às leituras das imagens, a partir das quais busquei entender as formas de resgatar e construir a ação pedagógica dialogando com esses sujeitos.

Durante a experiência realizada com as crianças do berçário II aos pré-escolares, da Creche Escola Lar de Pierina, constatei pela observação que a ida à biblioteca era muito mais que só um espaço a ser explorado. Possibilitou aproximar o pré-leitor da literatura infantil como fonte de prazer.

Com as crianças da pré-escola do Centro Educacional Pequena Cruzada, a proposta de construir um ambiente adequado tanto para alfabetizar como para estimular a leitura permitiu o desenvolvimento do imaginário das crianças por meio da leitura de imagens, das possibilidades e descobertas oferecidas pelo objeto livro como suporte lúdico, atrativo e criativo.

O presente estudo teve como objetivo identificar de que maneira a literatura infantil pode ser utilizada na formação de futuros leitores, considerando as diversas possibilidades, a partir da leitura de imagens e das percepções simbólicas das crianças em contato com objeto-livro adequado à faixa etária de um ano e seis meses a dois anos.

Ao desenvolver as atividades na biblioteca com as crianças do berçário II, verifiquei que o interesse pelo gênero literário foi unânime. Todo grupo buscava manipular e explorar o objeto livro, percebendo as ilustrações, suas diferentes formas, o colorido das páginas e as diferentes texturas oferecidas pelas referidas obras.

Esses gestos permitiram que as crianças descobrissem os detalhes que no início não eram observados, mas que, com o decorrer das atividades, tornaram-se essenciais para que as crianças desvendassem novas descobertas, assimilando às anteriores que eram desconhecidas, como cores e diferentes tipos de animais.

As propostas com leitura na biblioteca contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da oralidade das crianças. Nos momentos em que elas realizavam leitura das imagens elas as nomeavam.

As crianças sozinhas buscavam o gênero literário de sua preferência e os que lhes pareciam atrativos. Com esse processo, foi desenvolvida a autonomia dos iniciantes da leitura.

A contação de história no espaço biblioteca foi uma atividade fundamental para a formação dos pré-leitores. Com esse procedimento, foi aprimorada a escuta, o desenvolvimento cognitivo e imaginário das crianças, além de promover um nível de interação maior com o grupo.

Foram momentos carregados de afetividade e cumplicidade entre narrador e ouvinte, o que gerou um clima capaz de estimular a imaginação e a fantasia do pré-leitor, através da voz harmônica do narrador, que consegue prender a atenção das crianças e transmitir as emoções do texto.

Aprendi o quanto é importante levar a criança em tenra idade ao mundo mágico da leitura, através de uma maneira lúdica e criativa. Apresentei-lhes o mundo da literatura infantil para que, de forma prazerosa, pudessem se tornar leitores.

Cabe às instituições de Educação Infantil promover projetos para estimular à leitura e organizar espaços educativos com a finalidade de criar condições para que as crianças pequenas compreendam desde cedo a importância do hábito de ler.

Portanto, compreender, conhecer e reconhecer características particulares do pré-leitor é necessário para que, de forma prazerosa, o educador ofereça um ambiente que instigue, enriqueça e amplie suas possibilidades de entender, de ver as coisas e de ler o mundo. Esses procedimentos são considerados grandes

desafios da educação infantil e dos profissionais de educação para uma possível formação de crianças leitoras.

Cabe lembrar que, nesse país, a criança tem poucas chances de desenvolver um senso estético e um senso crítico apurados. Então, eis aí a essência do papel do bibliotecário: fazer da biblioteca escolar um centro promotor da leitura.

Mas, para isso, o bibliotecário precisa gostar de ler. Se, até o momento, não despertou para as delícias de uma boa leitura, então está na hora de começar! Basta desligar a televisão e pegar um bom livro. Se o bibliotecário concorda com Borges (1987) que chamou o livro de o instrumento mais espetacular dos utilizados pelo homem, fará uso desse instrumento com a finalidade de obter o aprimoramento intelectual e desenvolver a criatividade, transformando-se em um leitor seletivo que aprende a separar o joio do trigo nessa plantação imensa e descontrolada que é o universo de informações registradas.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. **Lei n.º 12.244**: Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília: Congresso Nacional, 2010b.
- \_\_\_\_\_. **Ministério da Educação e do Desporto**. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Brasil: MEC/SEF, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. **Cinco visões pessoais**. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987.
- BRANCO, Jordana; CORSINO, Patrícia; VILELA, Rafaela. **Travessias da Literatura na Escola: reflexões sobre espaços e lugares de livro e leitura em escolas de educação infantil e ensino fundamental I**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.
- BROUGÉRE, Gille. **Brinquedo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CALIXTO, José Antônio. **A Biblioteca pública versus Biblioteca Escolar: uma proposta de mudança**. *Cadernos BAD*, v. 3. 57-676, 1994.
- CAMPELLO, *Bernadete Santos*. Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil. I: Biblioteca Escolar em Revista, v. 4, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613>>. Acesso em: 08 nov. 2017.
- CARVALHO, Cristina. **Plano educacional para uma biblioteca infantojuvenil: projetando ações e mediações**. *Educ. Pesq*, São Paulo, v.42, n. 2. 507-523, abr./jun. 2016.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil, teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERREIRA, Aurélio. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FRAGOSO, Graça Maria. A biblioteca escolar: tecnologia da emoção. (Artigo). Disponível em: . <<https://books.google.com.br/books?id=OZLqzfhHrikC>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio De Janeiro, Comunidade Pró-Saber, 2014. Disponível em: <http://goo.gl/nnlxh2>.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo: Clássicos, crianças e jovem**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

MUELLER, Maria Stela. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora – um questionamento. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1. 7-23, 1990.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 17 ed. São Paulo: Forense universitária Ltda., 1990.

PIMENTEL, Claudia. **Espaços de livro e leitura**: um estudo sobre salas de leitura de escolas municipais do Rio de Janeiro. 264 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; SACHETTI, Vana Fátima. **Classificações em cores**: uma alternativa para bibliotecas infantis. Disponível em: <[gebe.eci.ufmg.br/downloads/319.pdf](http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/319.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2017.

VASCONCELOS, Lídia. Frase. Disponível em <<https://www.facebook.com/bibliotecamunicipaldebeja/photos/a.187695854624713.46744.143294979064801/835368453190780/?type=1&theater>>. Acesso em 27 out. 2017.